

***Crônicas de um
pandemônio
chamado Covid-19***

Patricque E.T. Zimpel

Crônicas de um pandemônio chamado Covid-19

Patrique E.T. Zimpel

Sumário

Introdução	página 3
Crônica 1: O amanhecer em uma nova realidade	
página 4	
Crônica 2: Da terra ao paraíso em uma viagem	página 8
Crônica 3: Da terra ao paraíso em uma viagem- parte 2	página 11
Crônica 4: O dilema ao ter que sair de casa para ir ao mercado	página 16
Crônica 5: Na supremacia do Corona Vírus, quem acorda mais um dia é campeão	página 18
Crônica 6: Como fazer cinema durante a pandemia	página 23

Introdução

O presente livro apresenta algumas crônicas escritas por mim mesmo, Patrique Eduardo Tavares Zimpel, essas crônicas contam alguns relatos de problemas encontrados durante a pandemia de Covid-19, e também algumas crônicas criadas por mim.

O amanhecer em uma nova realidade

Era sexta-feira, dia 13 de março de 2020, sim exatamente uma sexta-feira 13, eram 5:00h da manhã em ponto quando ao som de “Wake me up (Avicii)” e aos gritos de “acorda” da minha mãe, me levantei, desliguei o despertador do celular, e fui como de costume direto para o banheiro, após tomar meu banho, me vestir, escovar os dentes e terminar de me arrumar, tomei meu café, organizei meus materiais de aula e de estudo, pois iria ir à escola cedo para estudar e me preparar para a prova de matemática que iria ter segunda-feira, e também para trabalhar no meu projeto. Peguei meus materiais, deixei ao lado do sofá, onde sentei liguei a televisão e meio dormindo ainda escutei relatos de médicos falando sobre um novo vírus de gripe, mas como estava sonolento ainda nem liguei para aquilo. Às 7h mais ou menos estava eu a caminho da escola, chegando lá tinham vários comentando sobre o assunto desse novo vírus gripal, passei por eles e fui para a biblioteca.

Estudei aproximadamente até umas 9h ou 10h e fui para o laboratório onde fiquei trabalhando no projeto até às 11:30h, horário costumeiro em que eu ia almoçar, passei pela guarita vi que os guardas falavam do mesmo assunto, mas com fome não dei muita importância, mas me apavorei quando ao escutar a notícia vinda da televisão do restaurante de que milhares de pessoas já haviam morrido em um vilarejo na China, e que já haviam casos em diversos outros países inclusive o nosso, e que os hospitais estavam lotados de internados por conta desta nova doença, a partir disso fui para as redes olhar um pouco sobre assunto enquanto almoçava, primeiramente fui no google pesquisar sobre o vírus, olhei um breve vídeo de um canal no youtube que acompanho a mais de 5 anos, e lá se comentava em acidente em laboratório em Wuhan-China, se falava também em possível conspiração para redução populacional e em contaminação por ingestão de morcegos contaminados, lembro-me que aquele assunto era o único debatido a tarde inteira nos intervalos entre uma aula e outra, mas como era a princípio coisa pequena não estávamos nem aí para aquilo.

Por volta das 16h, durante a aula de geografia com a professora Letícia, tivemos a feliz notícia para nós alunos de que as aulas seriam paralisadas a princípio por 15 dias para tentar diminuir uma possível contaminação maior por conta do vírus, lembro-me de comemorarmos que na segunda-feira não iríamos ter prova de matemática. Mal sabíamos nós alunos e o mundo inteiro pelo que iríamos passar naqueles quinze dias e nos outros dias que estavam por vir. No ônibus combinávamos de sair, ir ao cinema, fazermos festas, fico pensando como fomos ingênuos até certo ponto. Chegando em casa fui me aprofundar do assunto, os canais de televisão não se falavam de outra coisa, era só o agora já nomeado Sars-Cov2 ou como conhecemos Corona Vírus ou também apelidado de Covid-19. Ali naquele exato momento me peguei conversando com meu pai sobre alguns assuntos que já vínhamos estudando e debatendo a alguns anos, assuntos que para alguns são apenas teorias da conspiração, mas isso não vem ao caso. Indaguei sobre estocarmos comida e alguns mantimentos, pois não sabíamos como o pessoal ia se comportar com esse caos global que estava sendo instaurado aos poucos.

Fomos em alguns mercados e todos estavam lotados de pessoas fazendo e também saindo já com sacolas e mais sacolas de compras, compramos itens de higiene e alimentos não perecíveis, e continuamos nossa vida quase normalmente, pois para mim eram apenas 30 dias de descanso da rotina, começamos a usar máscaras em locais públicos, higienizar as mãos com álcool gel, evitar aglomerações, mas ainda não estávamos com medo desse tal vírus, tanto que no início de abril, por volta do dia 10 do mesmo, eu e meu pai fomos passear para Santo Ângelo, nos meus tios e parentes do meu pai. Fomos direto para a casa do meu tio, no interior de Vitoria das Missões, lá visitamos vários dos parentes do meu progenitor, e quase que automático eles já perguntavam de como estavam as coisas na cidade e falavam que havia tido um debandada de pessoas das cidades metropolitanas indo para o interior meio que se esconderem com medo do vírus.

Da terra ao paraíso em uma viagem

Não sei dizer exatamente se isso que vou contar foi real ou apenas obra de minha imaginação, só sei dizer que começou mais ou menos assim, uns dois meses antes de ir viajar para Santo Ângelo, meu primo que havia se casado pouco tempo antes da pandemia começar, estava atrás de uma casa pra comprar, e eu louco pra ganhar uma graninha com isso, comecei a pesquisar casas pra venda em Campo Bom, conversa vai, conversa vem, achei uma casa pra vender num bairro nobre da cidade, como se encaixava no orçamento deles decidi lhes mostrar, eles imediatamente fecharam negócio, sendo assim estava na hora de ganhar alguma coisa em cima disso. Como havia pego a minha carteira de habilitação a pouco tempo, decidi pedir a moto do meu primo emprestada, pois estava com uma ideia na cabeça, e para isso se realizar iria precisar dela, sendo assim meu primo me emprestou a moto dele, uma Kawasaki ninja 2019 600 cilindradas, cor verde limão, uma moto espetacular e também muito potente e difícil de se controlar, coloquei a moto que tenho em sociedade com meu pai, uma Honda XRE 2014 300 cilindradas no reboque junto da moto do meu primo, e acoplamos o reboque no nosso carro.

A filha do primo do meu pai, Morgana, uma advogada recém formada de 25 anos estava passeando em Bento Gonçalves e decidiu vir passear em minha casa para aproveitar e pegar uma carona conosco para Santo Ângelo, sendo assim com todos os preparativos prontos era hora de partir, combinei com ela de que iríamos fazer uma aventura no caminho, aventura que só revelaria após combinar alguns detalhes com meu tio Jonas que é policial na pequena cidade de Vitória das Missões, mesma localidade onde ela mora, a proposta era a seguinte, iríamos chegar fazendo a maior algazarra na cidade. No dia dez de abril partimos, com as motos com o tanque cheio e presas no reboque começamos nossa viagem, como de costume meu e de meu pai Erno, paramos pra almoçar num posto na cidade de Estrela Velha, usamos máscara ao entrar no posto pois estávamos seguindo os protocolos de prevenção à covid-19, após o almoço entreguei as roupas de couro para Morgana roupas estas que também tinham sido emprestadas por meu primo e a esposa dele, nos vestimos, desamarrei a ninja, e disse para meu pai ir na frente que nós íamos terminar de nos arrumar e já íamos também.

Ficamos comendo mais um lanchinho e tomando um refrigerante, e depois de umas 2 horas mais ou menos eu e a Morgana seguimos viagem de moto, pois minha ideia era percorrer o trajeto entre Salto do Jacuí e Cruz Alta, que são uns 100 km só de retas, e como eu estava com uma moto potente daquelas aproveitei para acelerar um pouco, já que eu queria desestressar um pouco e parar de pensar só na pandemia, que naquelas alturas já tinha levado diversos conhecidos meus e também minha querida bisavó e o tio da minha mãe. Mas eu não queria mais pensar naquilo, então quanto mais eu acelerava mais eu aproveitava, pois já tinha feito aquele trajeto várias vezes como passageiro, mas aquela era a primeira vez como piloto e queria aproveitar ao máximo. Após um hora mais ou menos alcancei o meu pai no caminho, passei por ele e continuei o trajeto, afinal combinei de esperar meu pai em Ijuí no posto 44, paramos lá mas por insistência dela decidi ligar para ele avisando que iríamos ir direto a Vitória, pois queríamos aproveitar a oportunidade para nos exibirmos um pouco, já que afinal somos jovens, e gostamos de aventuras. Lá no posto contei que eu queria chegar de um jeito diferente na cidade, contei todos os detalhes do plano, e ela aceitou também, então fomos para a parte final da nossa viagem.

Da terra ao paraíso em uma viagem - Parte II

Ficamos quase um mês lá no interior, após isso voltamos para casa, uns quinze dias após as eleições de novembro fomos de novo para Santo Ângelo, levei a moto do meu primo novamente, mas dessa vez não cheguei fazendo bagunça fui bem na calma, mas foi um bafafá daqueles novamente, todos perguntando se tinha sido eu que tinha feito aquela proeza, mas como não queria complicações para o meu lado tive que negar veementemente todas as acusações. Busquei a Morgana novamente para darmos uma volta no centro e tomar um sorvete, o pessoal todo ficou comentando e perguntando se estávamos namorando, eu me rolava rindo, sentado comendo meu sorvete observei que a cidade por ser pequena o pessoal não usava máscaras na rua, só utilizavam quando tinham que entrar em algum estabelecimento, fiquei apavorado com essa situação. Aqui em casa e em Campo Bom o pessoal usa na maioria do tempo as máscaras, assim como aqui em casa, o pessoal usa sempre que saem para rua.

Nessa pandemia acabamos perdendo uma das mais importantes raízes da nossa família, minha bisavó, que já estava fazendo hemodiálise e estava com a imunidade fraca, mesmo assim ela não se entregou para a covid, ela superou esse vírus mortal, só não passou pelas complicações que ela causou, minha avó foi ao velório de sua mãe junto com meus tios e minha mãe, uns 15 dias após isso vieram os sintomas, e depois dos testes, foi comprovado o positivo da minha mãe, avó, meus tios, minha tia e as minhas duas primas pequenas, meu pai e eu fizemos o teste também e graças a deus negativamos, meus familiares de casa esses que citei todos melhoraram sem sequelas. Outro susto que tivemos foi em Dezembro, minha avó estava meio ruim novamente, foi consultar, fez o teste e novamente um positivo, só que também melhorou sem sequelas graves, já em 2021, mais precisamente em dezembro meu pai ficou meio doente e foi consultar, e enganosamente teve resultado negativo, só que infelizmente na outra semana ele acordou bem doente, com uma dor forte nas costas, foi consultar e novamente testado, desta vez resultado diferente, resultou em um positivo, ficou isolado por alguns dias, desta vez eu não fiz exame nenhum pois não tive sintomas, mas mesmo assim fiquei isolado por uma semana.

Após isso, meio que retomei minha rotina normal, voltei a realizar algumas atividades, comecei a trabalhar em uma fábrica perto de casa, mas sempre se cuidando usando máscara a todo momento, estou indo bem até agora, tive algumas rugas com o chefe da máquina mas nada que não possa ser superado e até acabei criando uma amizade com ele e também com o outro operador da injetora. Fiz amizades também a mulher que abastece a máquina e com a que refila os calçados, fiquei duas semanas na esteira de montagem, fiz vários parceiros lá também, tanto que dia quatro desse mês fomos jogar um futebol juntos, mas sempre seguindo os protocolos, após isso nestes últimos dias já voltei a jogar o tão desejado futsal que fazia mais ou menos um ano que já não jogava mais. Minha rotina aos poucos vai voltando ao normal, ou pelo menos é isso que parece, mas estou contente, pois, minha mãe já foi vacinada com a primeira dose, minha avó já está imunizada com as duas doses.

A única coisa que me entristece um pouco são todas essas mortes que poderiam ter sido evitadas se os acordos de vacinas tivessem sido assinados antes, agora nossas vidas já estariam um pouco melhores e com menos restrições, outro detalhe que me deixa chateado são todas essas inverdades que estão sendo postadas nas redes sociais sobre a pandemia. Um detalhe que pude ver nesses 2 meses que fiquei no interior, onde lá o pessoal não estava dando muita bola para a pandemia, tanto que eu também estava errado e só fui perceber isso depois de um certo tempo, as pessoas lá, mais os jovens do que os demais idades, faziam festas como se não houvesse pandemia, tanto que fui em diversos eventos que poucos ou quase nenhum dos participantes faziam uso da máscara, e outra que as aglomerações eram recorrentes. Sabendo dos riscos que estava correndo mesmo assim fui em um encontro de motos em uma área particular, lá teve uma festa enorme, teve também a disputa de quilômetro de arrancada onde também fui dar uma desafiada no pessoal de lá.

Disputei e apostei em 3 ou 4 disputas de arrancada, como as motos do pessoal não eram muito boas tive facilidade nas disputas em que utilizei a moto do meu primo. Acabei que sai de lá com uns mil a mil e quinhentos reais. Outra situação que presenciei foi uma das poucas lancherias da cidade lotadas e com pessoas sem uso dos equipamentos de proteção para o corona vírus, festas nas barrancas do rio Ijuí eram comuns, praticamente todos os dias tinham festas nesses e em outros locais, era dar uma esquentadinha o pessoal se largava para o rio. Onde lá fui umas 3 vezes apenas para pescar um pouco, mas sem muitas aglomerações quando eu estava lá.

O dilema ao ter que sair de casa para ir ao mercado

Minha avó ficou um ano sem sair de casa durante a pandemia, quem fazia as compras eram meus tios, minha mãe e até mesmo eu fiz compras para ela, após ter tomado a primeira dose da vacina, decidi por conta própria que iria ir pessoalmente fazer as compras do mês, aí que começou o dilema, colocar máscara de proteção facial, passar álcool gel, e enfim ir ao mercado, já que era a primeira vez durante que ela iria sair decidimos fazer uma surpresa pra ela, enquanto íamos ao mercado meus tios ficaram organizando uma festinha pra ela.

Fizemos todas as compras que estavam na lista, levamos ela a fruteira, para comprar algumas frutas e verduras que estavam em falta no mercado, após isso a levamos para o shopping, compramos alguns presentes para ela, almoçamos, minha avó comeu pela primeira vez em um fast-food, a nossa emoção e a dela era enorme, estava radiante, a alegria era gigante.

Levamos ela até o cemitério em que meu avô está enterrado, pois fazia um ano que ela não ia até lá, após isso voltamos com ela para casa, onde os meus tios a aguardavam com uma festa surpresa, com muito salgados e doces e um bolo que dizia curada da covid e vacinada. Muito feliz ela queria sair abraçando todos que ali estavam mas falamos que era bom ainda tomar cuidado, pois a pandemia ainda não terminou, e nem todos estavam vacinados ainda, e que sem saber algum de nós poderia estar infectado, e que abraços poderiam ser perigosos.

Na supremacia do Corona vírus, quem acorda mais um dia é campeão!

Com o amanhecer de um novo dia com ele vem a esperança de estar vivo e pronto para mais um início e com ele a preocupação com esta situação pela qual estamos passando... Saio de casa para chegar ao trabalho... preocupado e com medo... será que alguém poderá estar infectado? Será que tem alguém assintomático trabalhando? Trabalhamos com medo, preocupados com os nossos. Bato o ponto, higienizo as mãos com álcool gel, e chego a máquina em que trabalho: olho para ela com orgulho de fazer parte de um grande empresa. Adentrando ao grande prédio, vejo alguns funcionários tensos, preocupados, outros mais tranquilos... quando não vejo mais algum conhecido já penso “Será que pegou covid”, “Deve estar de atestado”, mas me acalmo um pouco, pois só foi demitido ou pediu pra sair, mas daí lembro que isso também não é bom, nos corredores o assunto é sempre o mesmo: Corona vírus!

Estamos na época do início das gripes, então temos pessoas com que tem renite, que ficam com tosse, espirram, ficam com o nariz escorrendo. Nem todos os funcionários que trabalham aqui necessariamente já usaram ou usam corretamente os EPIs, vemos alguns usando de forma inadequada e precisamos orientar! A empresa faz esta parte, mas cada um deve fazer a sua e contribuir com o todo! O trabalho na empresa é tenso: clientes chegando e não usando máscaras tento ao máximo me afastar destes, paramentados com máscara e afastando a todos por onde passam estão os técnicos em segurança do trabalho que fazem sua parte... expressões de tensão e medo nos demais funcionários que eles encontram pelo caminho! Mas ele está contido, foi orientado e está seguindo a conduta para não disseminar o vírus! Muita higienização das mãos! E como proceder no seu trabalho? É necessário disseminar treinamento e conhecimento.

Fico imaginando enquanto trabalho, como ficam os funcionários dos hospitais? Com amostras respiratórias durante todo o dia, utilizando todos os EPIs recomendados, observando os dados clínicos dos pacientes, gerando um misto de sentimentos como impotência, solidariedade, pena e ao mesmo tempo orgulho em fazer parte, muita higienização das mãos, finda por ser cansativo e estressante ao término do turno, devido às peculiaridades do momento. O risco ao tirar os EPIs deve ser muito grande! A atenção tem que ser redobrada para não causar contaminação!

Higienização das mãos a todo momento deve ser cansativo imagino eu. Ao final do dia, registro o ponto e higienizo as mãos com álcool gel e vou de encontro ao meu bem maior, minha família, o porto seguro que me apoia em todos os momentos, até nos mais difíceis.

O retorno para casa passa pelos mesmos medos e preocupações, com higienização das mãos ao chegar em casa, tomar um banho e já lavar as roupas para não correr nenhum risco de infectar meus entes queridos.

Ao chegar em casa, como chamar o elevador? tem álcool gel do lado de fora, mas e dentro, será que colocaram? Precisaria estar em todos os andares? Quem tocou o botão? Acho que estou entrando em paranoia, pois fico imaginando tudo em que toquei o dia inteiro, e pensando se algo daquilo poderia estar contaminado Finalmente vou encontrar minha família, primeiramente vou higienizar minhas mãos, só por precaução é claro. Mãos higienizadas, higienizo também meu celular, finalmente ao checar o celular, vejo as mensagens de amigos e família: queremos ajudar sem também nem saber ao certo como é e como funciona esse vírus, estamos aprendendo no dia a dia aos poucos vamos fazendo esse vírus ser minimizado e futuramente até ser erradicado.

Tenho parentes e amigos que são idosos, gestantes e pessoas com doenças crônicas tais como: hipertensão, diabetes, problemas cardíacos na família e nossa preocupação é constante... precisamos conscientizá-los e ao mesmo tempo tranquilizar a todos, para que sempre sigam todas as recomendações básicas de higiene: lavar as mãos e usar álcool gel a todo tempo. Às vezes me paro pensando como deve ser trabalhar em laboratório, ser dono de um laboratório, ou em farmácias, ter que coletar em domicílio, qual teste deverá ser feito? E as novas determinações, os novos testes? E os seus colaboradores, e seus colegas? Muitos questionamentos respondidos às vezes de maneiras diferentes várias vezes no mesmo dia... ainda estamos aprendendo e contribuindo para um mundo melhor (assim espero) e que em breve tudo isso fará parte de mais um capítulo da história da humanidade, que estamos ajudando a escrever!

Logo chega à noite, terminam minhas reflexões e tenho de me preparar para mais um dia... com mais vitórias do que perdas, com mais informação e com menos medo, com muito orgulho de fazer parte de algo maior.

Como fazer cinema durante a pandemia?

Essa pergunta no início não era algo fácil de se responder, pois como iríamos fazer cinema se estávamos em isolamento? Com medo de sermos contaminados cinema virava algo dispensável não é mesmo? Não, pois para passar o tempo precisamos do cinema para nos dar mais alegria, mais coragem para enfrentarmos os desafios da vida real. E como poderíamos realizar as gravações sem nos encontrarmos pessoalmente? Simples, alugamos dois apartamentos, um ao lado do outro e organizamos todas as gravações e debates via chamadas de vídeo. Foi assim então que criamos um filme diferenciado em todos os quesitos, um filme em que contamos outras realidades e contos desta tão medonha pandemia de covid-19 que assola tudo e todos. Nossas gravações cheias de risadas e sempre preocupadas com todos os protocolos de proteção contra a pandemia.

Alguns desses contos foram inspirados em histórias contadas por parentes dos nossos atores, por parentes do diretor e até histórias enviadas por internautas. Criamos um filme que conta diversos pontos de vista do cotidiano das pessoas durante o isolamento do Corona vírus. O filme conta a história de cinco pessoas totalmente desconhecidas e que acabam isoladas no mesmo quarto de hotel por conta de uma confusão causada por um funcionário que estava contaminado por covid-19, e que acabou alocando eles no mesmo quarto, durante duas semanas eles tiveram que viver e conviver amigavelmente (mas não o tempo todo) para não acabarem enlouquecendo ou se matando neste período.

É contado durante o filme as histórias de vidas de alguns dos personagens, em que Carol (Interpretada por Lúcia Resende) uma aeromoça que iria se hospedar no hotel por apenas uma noite, pois na manhã seguinte já iria viajar novamente, mas por causa de vários casos no hotel teve que se isolar. Já Lúcio (interpretado por Icaris Mendes) um promotor de festas falido e que tinham sua última esperança numa herança de um tio que havia morrido por consequência da pandemia, mas que acabou na mesma situação. Persephanie (Interpretada por Luciana Fragoso), tem sua vida virada de cabeça pra baixo quando perde sem emprego e sem opções resolve se mudar para São Paulo na esperança de angariar alguma grana como dançarina em uma boate de luxo, mas que ficou sem dinheiro algum presa num quarto de apartamento com quatro estranhos, ela só não imaginaria se apaixonar pela pessoa que poderia lhe ajudar nos seus perrengues. Carlos (interpretado por Pedro Guimarães) um empresário multimilionário e que acaba naquela situação dias antes do seu casamento, ele só não esperava se apaixonar por Persephanie, que durante seu isolamento acabam flertando e se apaixonando, ele acaba dando força para ela, e após seu isolamento

decidiu pedir ela em namoro. Já Alfred (interpretado por Lucindo Gomes) interpreta um funcionário que ia ser demitido do hotel mas que acaba ficando isolado com os outros clientes por um erro de seu colega, funcionário esse que colocou os 4 no mesmo quarto por incompetência e acabou internado e estragando para alguns seus planos, mas que por outro ângulo de pensamento ajudou Phanie (Persephanie) a se dar bem na vida.

Gravamos o filme em cinco meses, pois não precisávamos de nenhum efeito visual, nem de muitos cenários pois já estávamos em apartamentos que eram praticamente igual a quarto de hotel, só tivemos que caracterizá-los um pouco, roupas usamos as roupas que tínhamos levado para passar o tempo das gravações, infelizmente tivemos que paralisar por três semanas as gravações pois a assistente de filmagem pegou covid ao ir fazer compras para os atores, então eu como sendo o diretor, estando próximo e dividindo o apartamento com ela tive que isolar junto, mas só paramos por pouco tempo então no final acabou tudo dando certo, e o resultado foi esse aí, três indicações ao Óscar, e duas indicações ao festival de cinema de Gramado, onde conseguiu sair de lá com dois kikitos de ouro, um de melhor direção de filme durante a pandemia e o outro para melhor enredo de história contada durante a pandemia.

Sáímos de lá muito contentes com as premiações que levamos, só um detalhe muito triste que tenho pra contar é que dois meses após as premiações tivemos a triste notícia de que o ator Lucindo Gomes, intérprete do personagem Alfred, havia sido internado muito mal por conta do vírus, e infelizmente após duas semanas internado na UTI, ele havia perdido a luta contra o vírus e faleceu. Uma história muito triste se isso fosse verdade é claro.